

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA (ORG.)
FRANCISCO M. SALZANO
NIÉDE GUIDON
ANNA CURTENIUS ROOSEVELT
GREG URBAN
BERTA G. RIBEIRO
LUCIA H. VAN VELTHEM
BEATRIZ PERRONE-MOISÉS
ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA LIMA
ANTÔNIO PORRO
FRANCE-MARIE RENARD-CASEVITZ
ANNE CHRISTINE TAYLOR
PHILIPPE ERIKSON
ROBIN M. WRIGHT
NÁDIA FARAGE
PAULO SANTILLI
MIGUEL A. MENÉNDEZ
MARTA ROSA AMOROSO
TERENCE TURNER
BRUNA FRANCHETTO
ARACY LOPES DA SILVA
CARLOS FAUSTO
MARY KARASCH
MARIA HILDA B. PARAÍSO
BEATRIZ G. DANTAS
JOSÉ AUGUSTO L. SAMPAIO
MARIA ROSÁRIO G. DE CARVALHO
SILVIA M. SCHMUZIGER CARVALHO
JOHN MANUEL MONTEIRO
SONIA FERRARO DORTA

HISTÓRIA DOS ÍNDIOS NO BRASIL

2ª edição

FAPESP
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DE SÃO PAULO


COMPANHIA DAS LETRAS

SMC
SECRETARIA
MUNICIPAL DE CULTURA
INSTITUTO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Copyright © 1992 by os Autores

Projeto editorial:
NÚCLEO DE HISTÓRIA INDÍGENA E DO INDIGENISMO

Capa e projeto gráfico:
Moema Cavalcanti

Assistência editorial:
Marta Rosa Amoroso

Edição de texto:
Otacílio Fernando Nunes Jr.

Mapas:
Alicia Rolla
Tuca Capelossi

Mapa das etnias:
Clarice Cohn
Edmundo Peggion

Índices:
Beatriz Perrone-Moisés
Clarice Cohn
Edgar Theodoro da Cunha
Edmundo Peggion
Sandra Cristina da Silva

Pesquisa iconográfica:
Manuela Carneiro da Cunha
Marta Rosa Amoroso
Oscar Calávia Saéz
Beatriz Calderari de Miranda

Revisão:
Carmen Simões da Costa
Eliana Antonioli

1ª edição 1992

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História dos índios no Brasil / organização Manuela Carneiro da Cunha. — São Paulo : Companhia das Letras : Secretaria Municipal de Cultura : FAPESP, 1992

Bibliografia.
ISBN 85-7164-260-5

1. Índios da América do Sul — Brasil — História I.
Cunha, Manuela Carneiro da.

92-1393

CDD-980.41

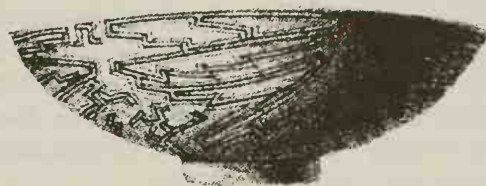
Índices para catálogo sistemático:
I. Brasil : Índios : História 980.41

1998

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 866-0801
Fax: (011) 866-0814
e-mail: coletras@mtecnetsp.com.br

AL BR
F2519
.H57
1998x

HISTÓRIA KAMPA, MEMÓRIA ASHANINCA



France-Marie Renard-Casevitz

Tradução: Beatriz Perrone-Moisés

Esqueceremos nas evocações gloriosas da Conquista o tiranete, o meio-rei meio-louco, outras figuras emblemáticas que supõem uma interrogação secular do europeu sobre si mesmo, uma cultura histórica contínua dos descaminhos do homem branco na América, mas não esqueceremos Arana, Fitzcarraldo, Galves¹ e outros nomes da borracha, cuja aventura entremeadada de violências e atrocidades sobre os corpos dos índios instalou em seus piores excessos uma modernidade ocidental nos confins mais remotos da Amazônia. Não se pode fazê-lo, em páginas dedicadas ao oriente central e meridional do Peru. Não se deve; as florestas do Putumayo ao norte, do Madre de Diós, do alto Juruá-Purus e do Acre ao sul foram povoadas, na segunda metade do século XIX, “por colonos que ocultavam sua ladroeira” (*miniboom* da salsaparrilha, minas de ouro e garimpo no Madre de Diós etc.) debaixo da idéia legalizada pelos países hospedeiros de uma regeneração das populações graças à introdução de seu sangue europeu (M. Leiris). Eugenia que reatravessava o Atlântico e, pintada de paracientificidade, justificava os extermínios nazistas. A Amazônia da borracha já pertence a essa primeira metade do século XX por seus vandalismos, suas deportações, seus campos de concentração, seus genocídios (especialmente a Casa Arana e o caso do Putumayo).

Entre os retratos barrocos que ilustram a história peruana, surgem rostos mais mordazes e épicos do que os dos “barões do ouro

negro”. O velho Francisco de Carbajal, centauro incansável que correu o império como executante muito zeloso das baixas obras pizarristas; Lope de Aguirre, é claro, e outros intrépidos que se lançavam dos Andes à conquista da Amazônia: Ursua, Orellana, Salinas de Loyola, Alvarez Maldonado... O que importa nessa história regional não é a grandeza do homem ou de suas obras singulares; tampouco a iluminação ou a busca que o consome, nem mesmo o horror de atos trazidos à nossa memória por textos em que “nenhuma palavra se risca na tinta antes de ter conhecido o sangue” (León-Paul Fargue). É a empresa que conta. É o resultado que interessa. O que resta para nossa história e sua memória é a transformação irremediável de um mundo sugado em suas seivas e seus homens.

Nos confins da Amazônia, entre as planícies do Acre, do Ucayali ou do Putumayo e as abruptas vertentes andinas com sua vegetação tropical, nenhuma outra época havia produzido como o *boom* da borracha tal devastação dos lugares, dos povos e de sua cultura, tal transformação dos seres.

Trinta anos de Pachacuti (1885-1914) no velho sentido do termo quêchua: revolução, convulsões, e aparecimento de um mundo novo. Trinta anos no auge dos quais mais de cem grandes vapores representando dezesseis companhias marítimas privadas ligavam Liverpool, Nova York, Londres, Le Havre, Hamburgo e Gênova a Belém, Manaus e Iquitos² e, no vale do Ucayali-Urubamba, Pucallpa, Puerto Bermidez e Mishagua (casa de Fitzcarraldo);



trinta anos ao longo dos quais se esboçam ou se realizam em plena floresta projetos de ferrovias para contornar os obstáculos fluviais (rio Madeira) ou aproveitar os *varaderos* e ligar as bacias do Urubamba e do Madre de Diós. Trinta anos ao longo dos quais estabelecimentos portuários, feitorias e armazéns de lenha instalaram nas margens das grandes artérias fluviais os vilarejos e cidades de hoje, enquanto a lei da Winchester remodelava as fronteiras, ao norte entre o Equador, a Colômbia e o Peru, especialmente no Putumayo, no sudoeste pela anexação brasileira do território do Acre (1903) e incursões-enclaves em terras peruanas (ver nota 1). Trinta anos, enfim, que riscaram do mapa povos indígenas inteiros e presenciaram uma enorme miscigenação de populações imigradas, nacionais, brancas, asiáticas e até negras de Barbados (milícia privada de Arana e de Zumateá) ou grupos autóctones deslocados.

Levados por essa onda, alguns Piro e Kampa, mercenários armados de C. Fitzcarraldo e, indiretamente, de seus associados, futuros herdeiros, os bolivianos Vaca Díez e Suarez, o brasileiro Cardoso da Rosa, sogro de Fitzcarraldo, Piro e Kampa cujas fileiras eram engrossadas de congêneres e de cativos Pano, foram parar nos discutidos limites do Peru, da Bolívia e do Brasil. Uns ficaram peruanos, outros, Kampa, viraram brasileiros, junto com as terras do Acre. Representam um raro exemplo comprovado de emigração sem volta para junto dos seus que compõem o conjunto arawak subandino. Mas com eles, encontramos certamente uma das mais longas pré-histórias e histórias documentadas de um povo ameríndio, a cuja evocação, abreviada, dedicarei estas páginas que lhes darão raízes e razões de desenraizamento.

É de certo modo irônico encontrar com o conjunto dos Arawak subandinos povos de floresta cuja arqueologia e cinco séculos de história arquivada revelam a permanência no piemonte amazônico do centro e do sul do Peru há mais de 4 mil anos. Qual vizinho andino pode gabar-se de raízes tão profundas? Os Incas certamente não. O cronista Guamán Poma não deixa de lembrar sua imigração recente e sua usurpação do poder das mãos “de reis mais antigos”. Entretanto nem a arqueologia, nem a história oferecem um traçado contínuo ligando os tempos antigos, que viram a che-

gada dos proto-Arawak ao Ucayali, aos nossos dias, quando seus descendentes continuam ocupando territórios contíguos de *montaña*; ambas nos apresentam longas séries entrecortadas de épocas mudas cada vez mais curtas ou, como nos estratos geológicos, camadas sucessivas misturadas de vez em quando por desmoronamentos nunca violentos o bastante para apagar a continuidade das superposições e, há 2500 anos, leves demais para ocultar os movimentos de população, os parentescos e as filiações.

O ARCAICO E A PRÉ-HISTÓRIA

Lathrap, ampliando os resultados de escavações arqueológicas regionais com os dados de C. Sauer relativos à origem da *yuca* (mandioca doce) e de K. Noble (que devem ser vistos com mais precaução) sobre a família lingüística Arawak, avança a hipótese de que a difusão da *yuca* acompanha a dispersão e as migrações do tronco proto-Arawak.³ Assim, a *yuca* teria aparecido durante o quarto milênio na costa do Pacífico, trazida direta ou indiretamente por populações originárias do médio Amazonas. Nessa época, caçadores, pescadores e horticultores proto-arawak se estabeleceram no Peru central amazônico e, além da *yuca*, cultivavam em suas roças *aji* (*Capsicum sp.*), batata-doce, amendoim, urucum (*Bixa Orellana*), *lucuma* e certamente coca, planta esta meso e macrotérmica cuja domesticação tinha sido iniciada durante o quinto milênio no piemonte central (escavações arqueológicas na região de Ayacucho).

No entanto será preciso esperar pelo surgimento da cerâmica — 2200 a.C. em Tutishcainyo antigo no médio Ucayali — para ter as seqüências ininterruptas em toda a região central⁴ e uma idéia detalhada das numerosas e amplas relações entre regiões de floresta, o piemonte e os Andes. A forma da cerâmica sugere fortemente a presença de mandioca fermentada, e o estudo dos depósitos leva a supor estabelecimentos permanentes agrupando de cem a trezentas pessoas vivendo basicamente de pesca e horticultura.

É muito mais tarde, após a segunda onda migratória arawak, chamada de proto-Maipure por Lathrap,⁵ entre 1000 a.C. e 500 a.C., que o hábitat se aproxima das formas contemporâneas da Conquista pelo abandono das cer-



cas de proteção feitas de caniço ou de esteiras revestidas de argila, enquanto a presença de numerosos fusos de cerâmica indica a prática da fiação e certamente da tecelagem, fenômenos que alguns arqueólogos associam. A densidade das aldeias cresce sem afetar sua duração e as estimativas de população “envolvem uma comunidade de quinhentas a mil pessoas permanecendo naquele local durante duzentos anos” (Lathrap, 1970:119).

“O milênio que precede a chegada dos Incas foi marcado pela existência de importantes focos culturais andinos” e das terras baixas: nos Andes do centro-sul⁶ (altiplano interandino), com os sítios urbanos de Wankarani, Chiripa e Tiahuanaco, e na bacia do rio Mamoré, cujas várzeas (savana de Mojos) foram drenadas para permitir a cultura da mandioca doce e do milho, de grande produtividade. Enquanto Tiahuanaco se desenvolvia, e depois desmoronava, nos Andes vizinhos do centro-norte, um outro foco cultural importante tinha o mesmo destino: Huarí (região de Ayacucho); surgida por volta do século III, “a cultura huarí atinge seu apogeu entre 600 e 900, depois entra em declínio, ao mesmo tempo em que os centros urbanos que controlava ou inspirava, e vai cedendo lugar a senhorios, reinos ou confederações regionais”. No entanto Huarí, embora inspirasse “um grande número de regiões costeiras e a Sierra”, só conquistou realmente a área andina do centro-norte, “com colônias avançando nos vales internos e nas terras quentes do piemonte”⁷.

Huarí marca uma dupla virada: incontestavelmente, a da urbanização nos Andes, e bastante sujeita a contestação, a da ruptura colocada nos estudos andinos entre as doravante “altas civilizações” andinas e a “selvageria” das terras baixas. Contudo, apesar de evoluções sociais divergentes, o vigor das relações econômicas, das relações religiosas e simbólicas é comprovado.

“Penas, peles, algodão, tecidos, plantas [grãos, madeira bruta e trabalhada] sobem a sierra, enquanto o metal (machado de cobre, jóia de ouro), talvez pedras semipreciosas, outros tecidos e lã descem para a floresta. A iconografia continua tomando figuras emprestadas do bestiário da floresta: a onça é onipresente”, cercada de macacos, araras e papagaios (ibid.). E no entanto a confusão entre a ausência de cidades e a barbárie está consumada:



no alto, os civilizados, embaixo os selvagens ou *chuncho*, por muito tempo considerados sem interesse nos estudos peruanistas. É fazer pouco caso dos problemas de fronteira nesse contexto andino de controle da verticalidade e do acesso aos vários patamares ecológicos; é fazer pouco caso das evoluções regionais, que certamente desde essa época presenciavam a coesão do conjunto arawak subandino se esboçar e ligar parcialmente suas províncias em estratégias debutantes de relações econômicas centradas no sal e de confederações guerreiras. Pois, enquanto se desfazem as ligações entre Huarí e suas colônias instaladas no piemonte para obter madeira e terras agrícolas, e as mais afastadas entre elas se rebelam contra a metrópole e procuram crescer às expensas de seus vizinhos imediatos, no Oriente, no médio e baixo Ucayali, migrações pano se implantam *manu militari*, exigindo dos povos Arawak intermediários entre as terras altas em crise e as terras baixas em guerra uma defesa coletiva de suas províncias ameaçadas a montante e a jusante.

Já vizinhos do império huarí, os Arawak subandinos tornaram-se também vizinhos do império inca em toda a sua fronteira central, entre o leste de Huanuco e o Madre de Diós. Antigamente, assim como hoje em dia, seu território se estendia pela floresta tropical do piemonte ou *montaña* que cessa a uns 2200m de altitude, cedendo lugar à floresta pluvial, e desce até os vales e leitos dos rios, entre 750 e 500 m de altitude. A floresta pluvial, ou *ceja de montaña*, é uma espécie de *no man's land*



entre os andinos e os piemonteses que, no século XV, mantinham, cada um de seu lado, um pé no território do outro: os andinos, com *cocales* e outras *chacras* de plantas tropicais situadas a uns 1800-2000 m de altitude, zona em que cresce a melhor coca de *chacchar* (para mascar), nem úmida nem seca demais; os Arawak subandinos com algumas aldeias na orla das terras altas perto das minas de prata, como os Satis de Vilcabamba,⁵ perto dos postos de fronteira incas, como os Ninarua e Pilcozones do Mantaro-Apurimac, os Mocos de Huanuco ou os Opataries na região do Tono (alto Madre de Diós), sem falar nas comunidades capturadas durante as tentativas de conquista inca.

Tive a ocasião de analisar as relações entre o Império e o conjunto dos Arawak subandinos, chamados de Anti pelos Incas,⁹ análise de que retiro aqui apenas as conclusões: “relações de troca e de aliança política; para os Incas, relações de clientelismo que, no entanto, ainda [não] tinham transformado [os Anti] em vassalos”. Relações de “amizade”, como dizem as crônicas, uma vez constatada pelos Incas a presunção, para não dizer a inutilidade, de esforços para conquistar povos resistentes e guerreiros experientes em seu próprio terreno, organizados em frações infinitesimais desdobradas em redes espalhadas por imensos territórios de acesso difícil e cujo ecossistema os andinos não dominavam. Relações que devem ter auxiliado os Arawak a manter e até estender sua presença ao longo da fronteira inca (do médio Huallaga ao Madre de Diós), contra as invectivas das sociedades amazônicas vizinhas, especialmente os Pano. Deve-se considerar, nesse sentido, não tanto os efeitos diretos e o proveito gerados por tais relações, mas os efeitos subjacentes. A extensão e a afirmação do Império nos Andes e sua geopolítica nas fronteiras acarretavam reorganizações e intensificações paralelas, ainda que fluidas, das redes comerciais e guerreiras do conjunto arawak. Isso já os levava a aliar-se aos vizinhos Pano (beneficiando-se de um direito de passagem para as cidades andinas); então, através do desenvolvimento das potencialidades confederativas interamazônicas e meios de união guerreira,¹⁰ instauravam-se seus modelos como modos de organização permanentes (comércio) ou alternativos (confederação militar) e reforçavam-se as tendências de integra-



ção interétnica. Relações econômico-políticas dos Anti com o Império, ameaçadas de ruptura quando o Inca dava ares de tributo à troca, e de anexação à aliança. Relações, enfim, geradoras de rivalidades e ataques entre sociedades das terras baixas mais ou menos bem providas, e fator de desunião, entremeada de tréguas em que ameaças maiores refaziam a coesão. No momento da conquista espanhola, as redes comerciais e de guerra tinham integrado não somente todos os Arawak fronteiriços das províncias centrais do Império, como também os Pano ribeirinhos, todos prontos para unir-se enquanto amazônicos contra as ofensivas provenientes das terras altas andinas, todos habituados a efetuar grandes viagens no verão para comerciar entre si ou negociar por conta própria com os Incas e participar de seus ritos e festivais (sobretudo em agosto).

Em suma, entre o império e os Anti havia relações multiformes, econômicas, políticas, rituais, xamânicas, terapêuticas e até matrimoniais. Tanto que a separação ideológica introduzida pelo Império Inca entre as terras altas e a selvageria da floresta é parcial, concedendo um lugar importante à oposição complementar entre o alto e o baixo e integrando a floresta no imaginário como metade de baixo no esquema dualista global, chegando mesmo a considerar os *Anti* e os *Chuncho* como descendentes dos grandes ancestrais que se refugiaram na escuridão da floresta quando emergiu o sol inca e a fonte de poderes xamânicos e terapêuticos. Nesse nível das representações, “mitos e ritos inca e piemonteses que ‘apresentam uma imagem invertida uns dos outros’ (Lévi-Strauss, 1971:101) comprovam que, para além da ruptura político-estatal causada pelo Império, essas sociedades dialogavam e encontraram “num determinado uso da simetria um meio de superar a antinomia resultante de sua proximidade geográfica” (ibid.:100) e de sua distância sociológica (ver nota 10).

HISTÓRIA E MEMÓRIA

A administração espanhola transformaria, em algumas décadas, a ruptura em divórcio e os contrastes culturais em negação, na impossibilidade de conquistar essas terras e esses povos rebeldes. Na *sierra* e na costa, há estados centralizados cujas populações servem de mão-de-obra nas minas e plantações; na floresta, há a *behetria* de que Sancho de la Hoz

dá uma primeira definição:¹¹ “selvagens que não têm nem casas nem milho [...] sem nenhum domicílio ou residência conhecidos; [...] a terra é tão inútil que pagam todo o tributo aos senhores em penas e papagaios” (1534, in Urteaga y Romero 1938 (1ª s., t. 2); as testemunhas do processo de Gomez Ariaz uma segunda: “índios tão pobres que não possuem nem ouro, nem prata, nem roupas, nem gado, nem milho, apenas yuca e algumas outras raízes e andam nus [...] a não ser por algumas vagas roupas [...] inúteis até para negros, [que só servem para] esfregar cavalos” (Maurtua, v:110-1). E, finalmente, o padre Font a última: “[...] entre eles não existe sujeição a um cacique, embora os chamem de caciques, já que não os obedecem em quase nada e não os servem [...] não sendo submissos, sem polícia nem cabeça, não usam castigos entre eles [e não podem, conseqüentemente, ser trazidos à] obediência” (B.A.E., t. 185:270-3).

Assim foram transformados os povos sem... (sem cidades, sem chefes, sem escrita, sem história etc.), índios das florestas orientais cujas guerras, menos conhecidas do que as guerras araucanas ou do Chaco, inquietaram continua-

mente as fronteiras centrais e fizeram regularmente recuar as investidas da frente pioneira. Mas esses povos mantinham relações comerciais regulares, declaradas ou clandestinas dependendo da época, com os serranos, mesmo conservando sua independência e sua integridade territorial até a época da borracha. A partir do século XVII, sua história irá se confundir com a dos franciscanos e do convento de Ocopa; na verdade, a não ser por um curto intervalo dominicano no início do século XVII na região de Tarma e breves conflitos de influência no médio Ucayali com os jesuítas de Maynas no final daquele século, os franciscanos foram os únicos encarregados das missões das florestas centrais do Peru até 1900, enquanto o Urubamba e o Madre de Diós caíam no mais completo esquecimento. São eles, conseqüentemente, a fonte principal, abundante e em certos períodos única sobre os povos Arawak.

Suas primeiras tentativas de redução seguiram o médio Huallaga nas proximidades de Huanuco;¹² logo instalavam aldeias prósperas entre os Panatagua, depois entre os Payansos, e de lá exploravam o Oriente. Quando, por volta de 1637, os padres J. Cabeças Acontiel e

Índios Antis, retratados pela expedição de Paul Marcoy (1848-60).





Índios Ashaninca com um "patrão" do rio Amônia, Acre, nos anos 20. Os Ashaninca nunca se tornaram seringueiros no Brasil, mas foram usados pelos patrões como trabalhadores sazonais, e para combater índios de língua Pano, os "nauas".



J. Ximenez tinham adquirido um domínio suficiente das línguas locais para fazer uma "arte", ouviram da memória indígena a história e acontecimentos ignorados da entrada de Gomez Arias: "Os índios Panataguas e comarcanos tinham claro na memória o que sucedeu então, [a guerra e como] Gomez Arias [...] ficou com muito poucos e que escondeu as picaretas para voltar à entrada e muitas enxadas e machados [...] que um índio achou [...]" (Montesinos, [1642] 1906, 1:256).

Mas uma nova série de epidemias assolava os sete postos missionários entre 1665 e 1667, causando milhares de mortes cada vez, e desencadeava uma guerra: Kampa, Piro e Pano do Ucayali confederados vieram matar ou expulsar missionários, colonos, neófitos e qualquer germe epidemiológico dessa zona bastante afastada de suas próprias terras. Das únicas reduções importantes fundadas pelos franciscanos, só restam, quando voltam, duas pequenas aldeias semidesertas. Essa primeira experiência de reduções "bem-sucedidas", apesar do preço pago pelos índios às epidemias brancas, marcou a política franciscana na região a partir de então; os padres correram atrás dessa miragem sem jamais reencontrar tamanho fervor, tão grande adesão ou reduções de tal proporção,¹³ sem nunca mais voltarem a demonstrar qualquer interesse sociológico que pudesse melhorar sua compreensão não só dos Kampa, como de sua própria estagnação.

"Em nossos índios, tanto serranos como da montanha, é preciso [...] dobrar a vontade, mesmo que seja a paulada, a fim de que mais cedo ou mais tarde se ilustre e se abra o entendimento [para a civilização]" (R. P. G. Sala [1895sq], Izaguirre, t. X:559).

De fato, a fronteira andina oriental, apesar dos renovados esforços dos franciscanos para

estabelecer pequenos postos missionários no mesmo ritmo em que eram varridos por rebeliões yanessa e ashaninca, manteve-se em termos gerais estacionada desde a Conquista até meados do século XIX, quando Goodyear descobriu o processo de vulcanização (1844). Foi nessa época que o estado peruano, como os países vizinhos, promoveu grandes programas mal realizados de colonização da floresta; foi então que ocorreu o primeiro *boom* extrativista, o da salsaparrilha, que prenunciou em escala reduzida os métodos e a organização da indústria da borracha. Em 1851, um grande crescimento da demanda da indústria farmacêutica europeia (que utilizava a salsaparrilha como antitérmico e sobretudo como panacéia contra a sífilis) e a alta dos preços lançaram durante vinte anos cada vez mais gente à exploração dos *zarzaparrillales*. A devastação e os métodos de recrutamento dos índios conhecedores de bons locais eram tais que um decreto (sem efeito) de 1860 do prefeito de Loreto proibiu sua exploração. Nesse momento a fronteira começava a ceder de modo irreversível em alguns pontos, ao longo dos principais vales,¹⁴ de cima para baixo, em direção ao Peru central.

A fronteira entre as terras altas e a Amazônia envolvia três conjuntos regionais: os Andinos, os Arawak e, a leste, os Pano das margens do Ucayali que vinham a ela comerciar ou auxiliar os Arawak a defendê-la. As fronteiras amazônicas entre Arawak subandinos e Pano apresentavam um perfil muito menos claro e continham vários encavalamentos ou profundas inserções criadas por sistemas reticulares de integração comercial, política e matrimonial que iam progressivamente unindo todos os componentes do conjunto arawak e alguns deles a seus vizinhos Pano. De qualquer modo havia, após a área arawak junto à fronteira ecológica andina, uma área pano nas terras baixas.¹⁵ Compunha-se de um lado de grupos ribeirinhos associados aos Arawak num sistema especializado de produção de objetos de luxo que alimentava seu comércio e cujas grandes aldeias, desde a Conquista até o século XIX, reuniam de mil a 1500 habitantes, e do outro de grupos do interflúvio mantidos à margem das redes, sujeitos a ataques pano e arawak.

Ramo ocidental da grande família lingüística Arawak, o conjunto subandino costuma ser subdividido atualmente em cinco subcon-

juntos: os Yanasha, mais conhecidos pelo nome de Amuesha ou Amages, os Ashaninca dos rios e do Gran Pajonal (três complexos regionais), os Nomatsiguenga, os Matsiguenga e os Piro. No total, e incluindo os pequenos grupos emigrados no início do século para o baixo Ucayali ou as redondezas da fronteira peruano-brasileira, representam aproximadamente 70 mil pessoas.¹⁶ Dois desses subconjuntos, os Amuesha a oeste, influenciados por uma longa promiscuidade e mestiçagens lingüístico-culturais com etnias andinas vizinhas, pré-incaicas e incas, como os Chupachos da região de Huánuco e os Piro a noroeste, sob a influência plurissecular dos Pano, distinguem-se tanto pela língua como por traços culturais do núcleo representado pelos três outros subconjuntos ou províncias (aproximadamente 55 mil pessoas). Estes possuem a mesma língua, apesar das variações dialetais regionais, e a mesma cultura. Sua homogeneidade é, aliás, tão grande que só receberam designações provinciais próprias muito recentemente, estando até então reunidos sob o nome de Kampa, que organizava a confusão das inúmeras denominações locais.¹⁷

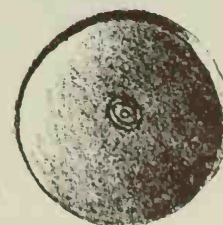
Ocupantes de um piemonte muito acidentado, cortado por rios de corredeiras que se juntam para formar os grandes rios — Tambo, Urubamba, Pachitea e Madre de Diós —, os Arawak praticam há séculos um hábitat muito disperso, como notamos acima, com unidades residenciais de tamanho reduzido, que vão de uma dezena de pessoas até duzentos ou mais seguidores de um chefe importante, até quatrocentos, atualmente, nas grandes aldeias construídas em torno de escolas. Mas as unidades residenciais menores são apenas pedaços de uma “casa” que constitui a unidade local e contém de cem a trezentas pessoas. Cada grupo de cinco a nove dessas casas está intimamente soldado numa unidade regional — um rio, seu curso a montante ou a jusante —, por sua vez associada a outras numa “província” ou subconjunto nomeado, “étnico”, termo como se vê muito mal adaptado para designar essas identidades que se recobrem. Está-se diante do contexto descrito por Sahlins (s.d., s.l.) de sociedades organizadas em esferas concêntricas de sociabilidade e de coesão política (para qualquer ponto de referência): de fato, não só as regiões formam províncias, como as províncias, ou pelo menos



os grupos fronteiriços e os chefes de prestígio, unem-se por sua vez e tendem a integrar os vizinhos periféricos, mesmo que sejam estrangeiros, num movimento centrípeto que contrabalança as periódicas divisões internas das unidades locais, decompostas e recompostas a cada geração. Esferas de sociabilidade em que cada unidade local, regional e provincial mantém sua autonomia plena e se coloca como um centro de integração que se irradia, de modo que a imagem da sociedade kampa é a de um organismo multicentrado cuja coesão se funda na multiplicação das relações horizontais, igualitárias e reticuladas estabelecidas por cada unidade local independentemente.

Sistema reticular ligando conjuntos tangentes e esferas concêntricas, são estas as duas figuras que parecem melhor exprimir o tipo de organização “nacional” dos Kampa. Mas falar

Como se passa um barco pelo rio Madre de Diós. Uma ponte do varadouro de Souza Vargas, nas cabeceiras do rio Mishagua.





em esferas concêntricas significa falar de centro único, e é essa uma das contradições socioculturais desses povos: todos detêm os mesmos locais sagrados, palcos dos mesmos atos civilizadores e nomeados pelo mesmo topônimo, de modo que entre um rio e outro, repetem-se os mesmos nomes de lugares aos quais estão ligados os mesmos mitos. Em compensação, repartem entre si o percurso de *Pareni*, heroína civilizadora, de modo que cada província possui apenas um trecho da viagem dirigida a um único centro, o Cerro de la Sal em que ela se transformou. Cada vez que um viajante chega a esse local, longínquo ou próximo dependendo de seu local de residência, restitui ao mesmo tempo à viagem e aos Kampa sua unidade nacional. Assim, um sistema de eixos orientados em direção a um local único e não duplicável, fonte do sal, se sobrepõe à multiplicidade bem repartida dos centros regionais. Como que para tornar sensível a contradição entre os dois sistemas, reticular e concêntrico, ou sublinhar a inflexão hierárquica introduzida por este último, para o qual convergiam centenas de Arawak e Pano todos os anos, para comerciar, as vizinhanças do Cerro de la Sal apresentavam uma concentração cada vez maior de aldeias populosas, com uma chefia permanente, um sistema de vigias e de fortins ao longo do Perene e do Tambo, a preeminência do chefe do Cerro de la Sal sobre seus congêneres¹⁵ e seu papel freqüente de guardião das terras que tomava a iniciativa da guerra contra o Estrangeiro.

Esferas concêntricas ou sistema reticular, um jogo de escritura torna-se necessário para distinguir os diversos sistemas associativos. Reservando o termo ashaninca para as províncias centrais, recorri a Kampa, na falta de outro termo que possuísse uma extensão comparável, para designar a totalidade dos subconjuntos arawak não-piro que compartilham um traço cultural raro: a proibição da guerra interna, contrapartida de certo modo estrutural dos sistemas associativos e do modelo confederativo. Essa proibição distingue os Kampa dos dois outros grandes conjuntos piemonteses, os Chiriguano ao sul e os Jivaro ao norte, assim como de seus vizinhos Pano. Deve-se entender aqui a proibição da vendeta — enquanto ciclo de vingança interfamiliar, pois há evidentemente assassinatos, mas sem seqüência — e dos ataques entre grupos kampa. A prática

da não-agressão estende-se, na verdade, não apenas às várias comunidades de uma mesma província, mas em geral além delas, a todos os “Kampa”, sejam Ashaninca, Nomatsiguenga ou Matsiguenga e até Amuesha. As raras exceções verificadas estão ligadas na literatura a uma inversão de identidade, isto é, uma adesão à causa estrangeira, andina (no caso missionários, colonos etc.). Até mesmo Tessman, cuja obra “é a de um zoólogo que se enganou de campo de estudo” (S. Varese, 1968:110), notava a partir de informações franciscanas, esse traço que distingue os Kampa dos outros conjuntos que encontrou, e vários testemunhos nesse sentido podem ser encontrados nos textos históricos.¹⁹ Ora, essa paz interna que Izaguirre data da época de Juan Santos Atahualpa e, sob o seu impulso, da guerra dos dez anos (1742-52) travada pelos Kampa com o auxílio dos Pano e que derrubou — *western* amazônico — todos os fortes avançados (missões franciscanas fortificadas) e postos de fronteira defendidos pelo exército peruano, essa paz interna parece ser mais antiga a julgar pelos mitos, relato épico das guerras com o Império Inca²⁰ ou das entradas. Vimos que essa paz interna certamente se consolidou no tempo dos Incas, esboçada provavelmente desde Huari e a época seguinte, *aucaruna*, de guerras entre feudos andinos rivais. Essa não-agressão kampa é apenas confundida pelos primeiros testemunhos pela assimilação de seus raros defensores kampa cristianizados ao mundo branco e, portanto, como eles atacados, como eles mortos ou expulsos.

De qualquer modo, a proibição de derramamento de sangue entre si é um dos enunciados de palavras arcaicas de uma espécie de tábua da lei que os chefes de dois grupos kampa que se encontram pela primeira vez entoam: “nós somos Ashaninca²¹ e os Ashaninca não se matam entre si”. A vendeta e as hostilidades são substituídas pelo parlamentarismo, muito importante entre eles, dizem os textos, pela quarentena à guisa de ruptura e, quando se está próximo demais, pelo afastamento espacial.

“Os Kampa do Tambo não podem se mover, tamanho é seu ressentimento em relação aos do Unini e estes, do mesmo modo, não se aproximam mais dos Kampa do Tambo”, notam franciscanos do início do século XX:²² distanciamento facilitado pela extrema disper-

são das unidades locais e amplidão dos territórios; quarentena que pode se estender, como nesse caso, a um grupo de comunidades, e durar uma geração.²³ Essa proibição — ou forte restrição — da agressão armada não atinge os Piro. Estes, como todos os grupos pano fluviais ou interfluviais, praticavam a endo e a exoguerra; atacavam, assim, outras aldeias ou casas piro, kampa ou pano, de que seriam, por sua vez, as vítimas. Nenhuma hostilidade, portanto, entre os Kampa até por volta de 1890, na época da borracha, e uma constante preocupação em congelar as possíveis hostilidades com vizinhos imediatos. Num jogo de extensão das esferas de sociabilidade e de paz, estabelecem-se aldeias mistas nas fronteiras provinciais ou, o que é mais significativo, nas fronteiras “nacionais” kampa. Havia, e isso está documentado desde a Conquista entre os Panatagua, os Amuesha e os Ashaninca, aldeias fronteiriças compostas, por exemplo, de uma metade amuesha e outra ashaninca. Em 1989, eu pessoalmente residi numa aldeia matsi-

guenga-ashaninca recém-criada. Algumas dessas associações fundiram nas fronteiras kampa gente de etnias e línguas diferentes. As mais estáveis dentre elas, interkampa ou interamazônicas, geralmente situadas numa confluência, receberam um nome que perdurou um ou dois séculos na literatura: é o caso dos *Chichirenes*, Ashaninca-Nomatsiguenga estabelecidos na foz do Ene, dos *Simirinchi*, grupo ashaninca-piro da foz do Tambo, e dos *Chontaquiros*, Piro-Matsiguenga do médio Urubamba. Houve fusões yanesha-ashaninca em torno do Cerro de la Sal e aldeias arawak-pano, como por exemplo: a aldeia kampa-mochobo na margem esquerda do alto Ucajali e a aldeia piro-comabo na margem direita, uma diante da outra e aliadas entre si, que possibilitavam acionar quatro redes de alianças quando fosse necessário...²⁴ Não continuaremos a lista, já que fica patente a força centrípeta que desarma o outro e o insere dentro de si e a aptidão política para estender ao mesmo tempo as esferas de paz e as redes de par-

Aldeia Ashaninca,
rio Amônia,
afluente do Juruá,
1983.



Chefe Samuel
Ashaninca do rio
Amônia, 1983,
Acre.



ceiros comerciais e aliados militares. Nesse jogo de eixo que afasta o inimigo potencial fazendo do vizinho imediato um elemento integrado no sistema de parentesco e aliança, cria-se um *patchwork* étnico, às vezes lingüístico, inextricável, próprio das zonas fronteiriças arawak-pano e um distanciamento da agressão interamazônica de um ponto de vista tipicamente original. Criação realmente original de aldeias interétnicas que parecem inverter as cisões que dividem de tempos em tempos as grandes aldeias pano em grupos hostis e desmentir a dispersão interna das unidades locais. De qualquer modo, malha reforçada nas junções, fronteiras internas (provinciais) e externas (arawak-pano).

Os Kampa pacíficos entre si e os Piro com suas aldeias alternadamente aliadas ou inimigas dos primeiros são constantemente descritos como excelentes guerreiros, amantes da liberdade e prontos para defendê-la, em conjunto ou separadamente. Vista das altas terras, sua fronteira é infalivelmente descrita como de índios de guerra no sentido próprio, já que do lado andino os destacamentos são nela mantidos ou reforçados.²⁵ “Eles têm uma consciência aguda de sua liberdade pessoal e morrem para defendê-la”, escrevia Biedma em

1686, pouco antes de ser executado por Kampa. Outros franciscanos, antes e depois dele, contam como geralmente se anuncia uma rebelião dos neófitos e o conseqüente fechamento das missões: “o batismo, sim, a *mita* (corvéia), não”. Essa consciência de sua liberdade está associada a um zelo constante em relação às fronteiras ocidentais: “há muito tempo espanhóis se introduziram nas suas terras, contam panataguas em 1557, eles os expulsaram, matando muitos cavalos que comeram e homens, entre os quais um capitão cristão”.²⁶

De fato, na época da queda do neo-império de Vilcabamba, uma delegação de Anti veio renovar a aliança e a “amizade” dos tempos incaicos com o vice-rei de Toledo, e pediram padres, que para eles tinham então o mesmo status que os sacerdotes e curandeiros inca que passavam tempos na floresta, com três condições: sem nenhum outro espanhol, nem soldado (espanhol ou inca), nem intromissão alguma em suas terras. Requisição apresentada nos mesmos termos em 1594 em Lima, por uma embaixada de seis chefes kampa ao marquês de Cañete. Trata-se de uma reivindicação de liberdade e de respeito às fronteiras, que, é claro, nunca se faz no âmbito dos cativos trazidos por ataques interamazônicos, ex-



pressa apenas diante do mais estrangeiro dos estrangeiros, o Não-Amazônico.

Essa organização cujos membros se encontravam dispersos por todos os cantos da *montaña* tortuosa era capaz de reunir, em alguns dias, de mil a 3 mil guerreiros,²⁷ em algumas semanas de quatro a cinco vezes mais ao longo das artérias fluviais; o exército assim constituído sabia manter-se invisível, evitava os embates frontais, praticava a política da terra arrasada e outras estratégias de guerra. O conjunto dessas configurações sociais, militares e táticas se prestava mal aos modelos de conquista inca, e posteriormente espanhola. Em compensação, a lenta penetração da frente missionária teria podido aproveitar-se dos pontos sensíveis: a necessidade que os piemonteses tinham de intercâmbios econômicos, terapêuticos e rituais de modo a garantir o controle das relações com as terras altas. Mas os franciscanos ignoravam as razões profundas dessa demanda, preferindo explicações mais imediatistas, como o desejo de metal; por isso viam suas conquistas serem ameaçadas constantemente e eram banidos daquelas terras por armas cada vez mais numerosas, proporcionais ao número de militares que os acompanhavam. De qualquer modo, em caso de crise grave e fechamento das fronteiras, os Arawak podiam perfeitamente manter sua auto-suficiência, já que as relações comerciais jamais tinham tido a necessidade econômica por único objetivo. Deve-se lembrar aqui que como as terras kampa eram ricas em minério de ferro na região do Chanchamayo, os grupos envolvidos começaram a extrair e fundir o metal, para garantir sua liberdade.²⁸ Além disso, a extensão dos circuitos comerciais interamazônicos lhes garantia um relativo abastecimento, através de canais que chegavam aos comerciantes brasileiros, quando fechavam suas fronteiras ocidentais. Mas em 1853, o primeiro navio a vapor sobe o Amazonas até o povoado de Loreto; em 1860, oficinas mecânicas são instaladas em Iquitos, que se torna um porto fluvial quatro anos depois. Novas estruturas surgem, o comércio branco invade o Marañon, e em seguida o Ucayali. Os Pano ribeirinhos envolvidos na extração da salsaparrilha e no corte de lenha e ligados aos patrões e regatões se retiraram do comércio interamazônico e abandonam as vias de acesso ao Cerro de la Sal. Os Kampa encontram-se então sós diante das on-

das de colonização que vêm de rio acima e dos *caucheros* que vêm de toda parte.

Eis-nos de volta a essa época de transição do final do século XIX, que presencia o nascimento da indústria dos pneus (1880) e a exploração em grande escala da borracha. O vale do Chanchamayo é colonizado e a frente pioneira se apropria das minas de ferro, obrigando os Kampa a abandonar suas fundições. Depois vem a luta pelo sal, que os colonos e os ingleses da Peruvian Cy tentam confiscar, e a defesa do Cerro de la Sal (1896). Um “falso deus” segundo os franciscanos, *Amachegua*, xamã ou messias, anima a resistência e promete a vitória, afirmando que as balas do inimigo se transformarão em folhas secas cada vez

Chefe Samuel
Ashaninca do rio
Amônia, 1983.



que forem atingidas pelo sopro poderoso de um combatente.²⁹ A intrepidez dos guerreiros confiantes em sua invencibilidade faz tremer de medo os colonos e *caucheros*, que batem em retirada.

Amarga vitória essa dos confederados kampa da região do Pangoa, do Perene, do Tambo e do Yurinaqui, concessão da Peruvian Cy desalojada! Alguns meses mais tarde, o governo peruano decreta que a zona pertence ao *Estanco de la Sal* e entrega as minas de sal-gema à exploração industrial. “Com o sal dos Kampa o governo pretende criar um fundo para comprar de volta Tacna e Arica, perdidas na guerra contra o Chile.”³⁰

Pouco a pouco a colonização se apossa do Cerro de la Sal, empurrando os Kampa para o Gran Pajonal. Foi nessa região que Fitzcarraldo, acusado de espionagem para o Chile (1880), condenado à morte e salvo *in extremis*, refugiou-se durante algum tempo. Jogando com o messianismo, dizendo que levaria os Kampa para junto do famoso Amachegua, ele consegue atrair um grupo inteiro que gratifica com presentes e espingardas Winchester. O processo está engatilhado.³¹

“Com um conhecimento profundo da *montaña*, ele soube utilizar as rivalidades tradicionais [...] O método é simples: dão-se Winchesters aos Cunibo que devem pagar em escravos kampa, e em seguida dão-se Winchesters aos Kampa que devem pagar em escravos cunibo [ou outros]” (cf. nota 30).

De fato, Fitzcarraldo acaba conseguindo uma verdadeira milícia kampa-piro cujas qualidades guerreiras e espantosos conhecimentos geográficos de imensos territórios sabia apreciar. Foram eles, afinal, que o fizeram descobrir o *varadero* chamado istmo de Fitzcarraldo, que lhe permitiu fazer carregar barcos do Ucayali ao Madre de Diós, e no qual projetava instalar uma ferrovia quando morreu prematuramente.

Mas os impérios dos *caucheros* esgotavam depressa demais suas reservas humanas; calcula-se que 40 mil Witolo foram exterminados entre 1900 e 1910 no Putumayo. As incessantes *correrias* com seu assustador desperdício de vidas humanas subiam cada vez mais os rios para compensar as carnificinas ao norte e a leste, no Madre de Diós e na região do Acre; exatamente onde Suarez, acusado de inúmeros crimes sem jamais ter sido proces-

sado, daria refúgio e “trabalho” a Macedo e Menacho, fugindo de pesadas penas pelo caso do Putumayo.

Os Kampa de Fitzcarraldo foram lançados contra outros Kampa; essa “nação” que tinha perdido o ferro, o sal e o controle do comércio interamazônico se via diante da derrocada de suas bases sociais e culturais: a lei que regia as relações dos Ashaninca entre si foi desprezada. Alguns Kampa, enlouquecidos,³² se apossavam das armas de outros Kampa vendidos como escravos. Contra eles só havia duas coisas a fazer: a morte ou o exílio voluntário para escapar dela, enquanto a memória de seus nomes, de seus atos, contraposta à de antigos nomes gloriosos, deveria permitir o retorno a certas tradições e, fomentando sua reunião, promover o renascimento kampa. Atualmente, já saíram de seu isolamento local os sobreviventes dos que participaram das *correrias* pós-borracha (1920-50). Reinseridos no tecido social eles contam, como se falassem de um momento incompreensível de si mesmos, sua loucura de antanho, gerada pela de seus pais.

Como conclusão, confrontemos três textos resumidos, um de história e os outros de memória matsiguenga sobre essa época das *correrias*.

“Em 1897, o padre Sala, explorando o Pajonal, encontrou Kampa em plena correria para Fitzcarraldo e Suarez; deviam ‘engancharem operários’ para as explorações do rio Manu. Espalhavam o boato de que Amachegua seria visto numa determinada aldeia e as pessoas se reuniam para ir vê-lo.

“Chegam Venancio e Romano [dois Kampa] encabeçando cinquenta Kampa e Piro armados de winchesters [...] Fazem-nos embarcar em pirogas para ir ver o messias [...] e levam-nos [...] para Iquitos ou ao rio Manu [...] transformados em escravos.”³³

“Meu pai Juamiano era amigo dos *caucheros*, mas meu padrasto, com quem eu vivia, não. Havia Italiano, que dirigia o posto *cauchero* da foz do Timpia, no final do caminho de Lambari e descendo um pouco o rio na outra margem vivia Aladino, que tinha uma aldeia tão grande quanto a de Iromano (Romano), seus dois filhos. Aladino só tinha três mulheres, mas Iromano tinha vinte, sem contar as concubinas [...] Iromano tinha pegado toda a gente do Camisea, depois foi para o Ticumpi-





nea e, no caminho, saqueava todos os que encontrava [...] Então veio para o Picha [...] Todos os do baixo e médio Picha [...] ele os pegou e vendeu a maior parte deles [...] e eu, bem pequeno, o chamava de pai [...] Havia Venacio (Venancio) que trabalhava no *caucho* em Sepahua, Amico, Peco, Piñango, mas isso foi há muito tempo e só sei o que me contou minha mãe [...] e Isere, um grande chefe morto porque era contra as correrias. Havia Pensahkiri, um Ashaninka que trabalhava para Colombiano, o pior de todos, esse Colombiano. Matava até as mulheres [...] e todos os que resistiam [...] Uma vez ele matou dez Matsiguenga sem mais nem menos, para dar o exemplo, para amedrontar os outros.” (Shirongama, 67 anos em 1978, que participou de algumas *correrias* dos anos 1935-45.)

“Nasci no alto Picha; [...] quando eu tinha seis ou sete anos, um Wiracocha que se chamava Perara [sic] veio com mestiços e outros Matsiguenga [...] todos eles tinham espingardas, nós não [...] cercaram nossa aldeia ao amanhecer [...] mataram três ou quatro homens [...] depois todos os velhos que não queriam, mas todos os outros, os adultos e nós, as crianças,

eles amarraram nossas mãos para trás, travaram nossos pés e vendaram nossos olhos [...] fizeram uma grande balsa em que nos amontoaram mais apertados do que frangos no fundo da piroga quando se vai vendê-los [...] Levaram-nos para Atalaya. Alguns morreram, no meio de nós [...] amarrados ao sol sobre a água e sem nada para beber, nem comer [...] durante os dez dias de viagem. Os do meio da balsa não podiam beber, eram só borrifados pela água do Ene, e os da borda, ao tentarem, caíam n’água e se afogavam. Quando chegamos em Atalaya, a metade de nós já tinha morrido [...] Depois de duas luas, meus pais, meu irmão e minha irmã mais velhos, eu, outras famílias, fugimos para a floresta; andávamos de noite e nos escondíamos de dia. Durante três meses, andamos para voltar ao Picha e outros morreram durante essa volta.” (Maricusa, aproximadamente setenta anos em 1978.)

Outros relatos gravados, feitos pelos sobreviventes, seus parentes jovens ou seus descendentes contam o desespero do cativo: mães que matavam seus bebês esmagando-lhes o crânio contra as vigas da casa-prisão para que não fossem escravos, e os que comiam terra

A exploração da borracha foi causa de grande extermínio de índios a partir do fim do século XIX. Nesta foto, índios de diversas etnias (Amahuaca, Kampa, Andoa, Conibo, Piro) são agrupados como trabalhadores de um seringal.

para se suicidar apesar de amarrados; falam das torturas e relembram o terror de uma insondável angústia: corpos cobertos de gasolina e queimados vivos para iluminar as refeições campestres servidas por Fitzcarraldo; mulheres que recusavam a concubinação tinham as costas dilaceradas e cobertas de pi-

menta, eram trancadas sob o sol ardente em cubículos de zinco até morrerem; corpos torturados, almas mutiladas... "Arames farpados de loucura!" Essas palavras, esses gritos, esses testemunhos far-se-ão ouvir, mas na obra em negro em que não lhes serão restituídos seus quinhões de espaço e de liberdade.

NOTAS

- (1) "Em 1889, o território do Acre — 148 027 km² —, teoricamente sob soberania boliviana mas colonizado pelos seringueiros brasileiros, é proclamado independente por iniciativa do aventureiro Galves. Finalmente, o território é anexado ao Brasil em 1903, através de uma indenização de 15 mil libras à Bolívia" (J. Piel, 1980:237). As violentas escaramuças não cessam, no entanto, especialmente contra possessões peruanas... Antes mesmo da proclamação de independência do Acre, veleidades semelhantes haviam surgido em Iquitos; os "conjurados" tinham até mesmo considerado a possibilidade de uma ação conjunta da Amazônia ocidental, para estabelecer os *Estados Unidos da Amazônia*. Ver, por exemplo, uma tentativa de independência liderada pelo coronel R. Aramburu em 1896 (in J. San Roman), e em 1899, as conturbações políticas causadas por Viscara, "prefeito rebelde [...] senhor de Iquitos" (in A. Plane, 1903).
- (2) H. Bonilla, 1974, 1976; J. Piel, "Le caoutchouc, la winchester et l'empire", *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, t. LXVII, 1980:227-52. A estrada de ferro do Madeira tinha por objetivo levar as mercadorias de Santo Antônio até Guajará-Mirim, atravessando uma série de corredeiras e doze quedas d'água, entre as quais a Caldera del Infierno, que tornavam a navegação impossível. Sua construção foi iniciada em 1878, interrompida durante trinta anos e finalmente terminada em 1913.
- (3) "[...] por volta de 3000 a.C. os proto-Arawak estavam concentrados na várzea do médio Amazonas, próximo à atual Manaus [...] Uma agricultura de floresta tropical levava a um aumento populacional que exercia uma pressão cada vez maior sobre as limitadas extensões de terras aluviais da planície amazônica [...] Para aliviar tais pressões, grupos [...] coloniais começaram a se afastar em busca de novas terras aluviais. Os colonos ter-se-iam deslocado em canoas [...] utilizando todos os rios passíveis de oferecer terras aluviais" (Lathrap, 1970:74). Iniciada há 5 mil anos, a primeira migração proto-arawak levava, portanto, grupos a se instalarem no médio e alto Ucayali, onde sua presença é comprovada há 4500 anos, embora sua chegada possa ser anterior.
- (4) Escavações de W. Allen no alto Pachitea, coleção de R. H. Lowie Museum of Anthropology; escavações de Izumi e Terada em Kotosh etc.
- (5) Para Lathrap, os Amuesha atuais seriam descendentes dos proto-Arawak, ao passo que todos os outros integrantes do conjunto subandino teriam os proto-Maipure como ancestrais. Parece mais provável, a julgar pelos dados biológicos e lingüísticos mais recentes, que todos tenham uma dupla ascendên-



- cia. Ver, por exemplo, *Antropologia das populações andinas*, INSERM, 1976, vol. 63. Lathrap também é um dos que aventam a hipótese, para essa região das lagoas, de um abandono da proteção coletiva, especialmente contra os insetos, proporcionada por casas fechadas, quando a proteção individual torna-se possível graças à tecelagem das vestimentas (cf. abaixo).
- (6) Veja-se o recorte regional dos Andes proposto por L. G. Lumbreras, 1981. Para maiores detalhes, ver Renard-Casevitz, Saignes, Taylor, 1986, cap. 1, l'Heritage (Renard-Casevitz e Saignes). Citação Th. Saignes.
- (7) Renard-Casevitz, op. cit., 1986:26-30.
- (8) -sati é um morfema que significa gente: *katongosati* = gente de montante, *keringasati* = gente de jusante, são, por exemplo, os nomes locais de duas unidades regionais nomatsiguenga do Apurimac-Ene. A aldeia *sati* era uma aldeia de *sierra* descoberta no final do século XVI situada a noroeste de Machu Pichu, na região de Guanacomarca (provavelmente a atual Vilcabamba chica). Ver Renard-Casevitz, Saignes, Taylor, 1986:166.
- (9) Ver Renard-Casevitz, 1981, e op. cit., 1986, caps. 2 a 4.
- (10) Ver Renard-Casevitz, 1991b, e op. cit., 1986:109, 210-1.
- (11) É desnecessário salientar as contradições internas desses textos, mas lembraremos a admiração de Salinas Loyola diante do refinamento da cerâmica pano e da riqueza de suas roupas e jóias. Ou ainda, no final do século XVII, pouco após a instalação das primeiras missões franciscanas entre os Panatagua, e no século XVIII entre os Amuesha, as encomendas de cobertores e toalhas feitas pelo vice-rei e pela corte, a quem tanto agradavam os tecidos arawak em algodão e penas.
- (12) Os primeiros contatos diretos datam de um litígio de fronteira em Guamancoto em 1550 e, principalmente, de 1557-8, quando da tentativa de entrada de Gomez Arias, que fracassou diante da resistência armada dos Panatagua. A primeira exploração franciscana, com a fundação de uma pequena aldeia que teve vida curta, pelo padre Bolivar, data de 1628, a primeira fundação duradoura de 1631; ambas respondem ao pedido do chefe A. Talankamincha que liderou uma delegação de 150 pessoas até Huánuco, para pedir padres, e que foi batizado pelo bispo. Vinte anos depois, havia aproximadamente 12 mil Panatagua reduzidos em seis aldeias, apesar de a primeira epidemia ter matado mais de 2 mil pessoas, em 1643. O impacto das epidemias sobre as populações arawak e pano é difícil de avaliar.
- (13) Para acompanhar em detalhes a história dos franciscanos de Ocopa, deve-se consultar a obra mo-

numental de Izaguirre, 1922-6, *Historia de las misiones franciscanas y narración de los progresos de la geografía en el Oriente del Peru, 1619-1921*. 14 vols., Lima. Para um ponto de vista antropológico, ver sua "Descripción historico-etnográfica de algunas tribus orientales del Peru", 1926-8 (sob o nome de B. Eyzaquirre), B. S. G. L., t. XLIII, XLIV, XLV.

(14) Ver por exemplo o texto de Cosme Bueno, escrito na segunda metade do século XVIII; ele cita como postos de fronteira a leste de Huánuco as quatro aldeias que marcavam a fronteira inca na época da Conquista, apesar das perdas populacionais panatagua (Renard-Casevitz et alii, op. cit., 1986:147). Alguns projetos de colonização foram realizados na floresta central: vale do Chanchamayo, colônia alemã do Pozuzo. Mas apesar das leis e decretos cada vez mais favoráveis aos colonos recrutados na Europa, muitos deles, desencorajados pela duração da viagem e seduzidos a caminho por recrutadores brasileiros, denunciaram seu contrato e se instalaram no Brasil, de modo que muito poucos chegaram ao Peru central. Um pouco antes, entre 1850 e 1874, 90 mil chineses tinham imigrado para o Peru para suprir a falta de mão-de-obra decorrente da libertação dos escravos. Alguns deles se encontram nas plantações orientais do Peru central.

(15) No que diz respeito à floresta centro-sul do Peru. Esta é uma visão simplificada de uma situação complexa, já que existem grupos arawak nas fronteiras peruano-brasileiras a sudeste e peruano-bolivianas ao sul, constituindo uma ponte até os Mojos do Mamoré.

(16) Na época da Conquista, incluindo os Panatagua do Huallaga, dizimados no século XVI por epidemias e extintos no século XIX, a população arawak era certamente constituída de mais de 150 mil pessoas, antes do boom da borracha, 85 mil, e depois dele, indubitavelmente, menos de 50 mil. Ver a esse respeito Denevan W., 1980, *Amazonia peruana*, vol. III, n.º 5: "La población aborigen de la Amazonia en 1492" e a relação de 3,5 entre seu ponto mais baixo e a população pré-Conquista, o que nesse caso equivale a aproximadamente 175 mil pessoas (todos os números propostos por Denevan para os Kampa devem ser aumentados de modo a reintegrar os Piro e os Machiguenga do alto Madre de Diós no total dos Arawak subandinos. Os números de S. Varese apresentados em nota são mais confiáveis, embora um pouco superestimados para a década de 1970: 62 mil Arawak subandinos, sem contar os Piro).

(17) À guisa de exemplo, eis uma lista impressionante, ainda que parcial, de unidades ashaninca do Perene, feita pelo padre Biedma, em 1671: "Todos os índios que viviam naquelas regiões estavam reunidos sob o nome genérico de Kampas, mas havia grupos que tinham denominações peculiares", citando então ao sul da missão de Sonomoro os Pangoas, os Meneiros, os Anapatis e os Pilcozumis; ao norte, os Satipos, os Capiris e os Tomirisatis; a leste (rio abaixo) os Cocharos e os Pisiatiris, mais além os Cuyentimaris, os Sanguineris, os Zagoneris e os Quintimiris (in Izaguirre, 1:197-8 ou in Biedma, 1981:106-7, e também à p. 97, onde os nomes de grupos e de heróis míticos se mesclam).

(18) Como Siquincho, "chefe principal do Cerro de la Sal", que, em 1674, manda os chefes de Quimiri,

Pichana, Sonomoro e Satipo expulsar os estrangeiros das terras kampa. Ver Izaguirre, t. 1. Ou ainda, em 1897, a guerra de expulsão da Peruvian Cy (borracha) e dos colonos que queriam controlar o acesso ao sal. (19) 1930:92 e Izaguirre, Maurtua, Amich, Maroni etc., aos quais devem-se acrescentar os cronistas.

(20) Tradições incas sobre as tentativas de conquista feitas nas terras baixas referem-se a conjurações ou sublevações gerais dos *Antis*, esforços conjuntos e lutas comuns nas fronteiras Iscaicinguas, Manaries, Manan Suyo e Opataries para resistir às tropas incas (ver nota 4), ou seja, do leste do Tarma ao Madre de Diós. Logo após a Conquista, na época do império rebelde de Vilcabamba, os espanhóis são informados de que os Kampa (Anti, Pilcozones etc., confederados) e os Chuncha (piemonteses desde Madre de Diós até Carabaya) apoiaram Manco Inca num projeto de sublevação geral, e que negociações favoravelmente recebidas estão em curso com os Chiriguano e até com os Diaguites chilenos.

(21) Ashaninca é ao mesmo tempo a autodenominação das gentes das províncias centrais (Cerro de la Sal e Gran Pajonal) e um termo comum aos Kampa que significa seu parentesco. O termo começa com a-, nós inclusivo, ou seja, nós e vós, nossos vizinhos ainda desconhecidos, mas arawak como nós, e significa nós a gente. Em Nomatsiguenga, encontra-se a inicial no-, nós exclusivo.

(22) In Izaguirre, t. x:304.

(23) Conheço dois exemplos de quarentena de trinta anos ou mais, um contemporâneo e o outro do início do século. Esse tipo de evitação ocorre até no seio de uma aldeia, em que pessoas iradas costumam fechar-se dentro de casa.

(24) Em compensação, Piro Opatanaris aliados dos Kampa entre 1680 e 1700 eram inimigos de outros Piro aliados a Conibo, enquanto outros Conibo tinham constituído um "povoado misto" com Kampa (Biedma, 1981:82 etc. Ver in *Amazonia peruana*, especialmente Vital, vol. VI, n.º 12, *Mercurio Peruano*, n.º 80, 81 e op. cit). Além desses exemplos dos séculos XVII, XVIII e XIX, pode-se evocar um outro da virada do século: uma aldeia piro transferida rio acima no Pongo Maenique. Convidado por Eduardo, famoso chefe matsiguenga estabelecido na margem esquerda, o chefe piro e sua gente vieram instalar-se bem defronte, na outra margem, para controlarem juntos todos os movimentos no Pongo e impedir a passagem de caçadores de escravos. Um francês e um italiano que por ali se arriscaram com um pequeno grupo de Matsiguenga capturados foram mortos e tiveram suas cabeças cortadas e enfiadas em estacas colocadas na entrada do desfiladeiro, como aviso (*memória matsiguenga*). Uma versão ligeiramente diferente dessa história ou outra história semelhante se encontra em I. Bowman.

(25) Essa reivindicação de liberdade é, aliás, um traço ao qual os espanhóis deveriam estar habituados desde a Conquista, mas que não podiam absorver em seu universo hierarquizado e piramidal: Deus, o rei, o vice-rei etc.; desqualificam, assim, como uma marca de selvageria qualquer tipo de organização social horizontal ("behetria").

(26) B. de Torres, *Crónicas agustinianas del Peru*, 1972 [1639], t. 2:331.

(27) Como ocorreu em 1990 após o assassinato, pelo MRTA, de um chefe da região de Pichis, que resul-



tou na constituição de um "exército ashaninca" reunindo uma população de 24 mil pessoas, que declarou guerra aos narcotraficantes, ao Sendero Luminoso e ao MRTA por diversos abusos.

(28) Deve-se interpretar no mesmo sentido o retorno ao machado de pedra por parte de alguns grupos matiguenga ("Kugapacoris") do alto Timpia desde a época da borracha; fugindo da "selvageria capitalista", isolaram-se do mundo branco num refúgio quase inacessível.

(29) M. Navarro, *La tribu Campa*, Lima, 1924, p. 23.

(30) S. Varese, *La Sal de los Cerros*, Lima, 1968, p. 106.

(31) G. Sala, O. F. M., in Izaguirre, t. X.

(32) A loucura que a memória indígena atribui aos mercenários kampa conota menos o opróbio moral do que a exclusão social: essas pessoas de personalidade "virada" tornaram-se brancos que não têm mais nada em comum com os Ashaninca.

(33) G. Sala, 1897, Ministerio de Fomento, Peru.

